

O Cerco ao Castelo por D. João, Mestre de Aviz, em 1384-1385



Vista panorâmica sobre o castelo

A vila de Torres Vedras, senhorio das rainhas desde D. Afonso III, tomou voz por D. Leonor Teles e, depois da renúncia desta à regência do reino, devido à pressão do genro, por D. Beatriz. Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I*, afirma que a opção tinha sido tomada contra a vontade popular.

Certo é que os Castelhanos obtiveram apoiantes a nível local, a quem o Mestre de Aviz, quando subiu ao poder, expropriou os bens dos traidores, repartindo-os pelos seus partidários. Um apoio que não deveria, porém, ser relevante, uma vez que D. João I de Castela mandou reforçar com gente sua as guarnições de todas as praças fiéis à esposa.

Fernão Gonçalves de Meira, alcaide de Torres Vedras (1382-1384) prestou homenagem ao soberano castelhano, com os governadores dos castelos de Óbidos e Alenquer, quando aquele se dirigiu, em Maio de 1384, de Santarém para Lisboa com o objectivo

de cercar a cidade. Nos primeiros dias de Setembro, o mesmo alcaide acolheu o exército castelhano em retirada, vencido pela peste, que havia atacado a própria rainha e muitos soldados. Um deles acabou por morrer em Torres Vedras, tendo os seus companheiros tentado, embora em vão, dar-lhe sepultura cristã na igreja local de S. Miguel. Leias serviços, que pouco valeram a Fernão Gonçalves Meira, dado ter sido substituído por João Duque, um cavaleiro castelhano. Pois era este o alcaide na vila, nomeado por D. João I de Castela, no momento do assalto das forças portuguesas ao castelo de Torres Vedras.

Não conhecemos a data de início do assalto. Contudo, sabemos que, a 10 de Dezembro de 1384, quando o Mestre de Aviz tomou Alenquer e partiu para Torres Vedras, *Joham Fernamdez Pacheco avia ja feito começo de cerco.*

João Fernandes Pacheco era filho de Diogo Lopes Pacheco, exilado em Castela, desde 1373, tendo sido considerado culpado, por D. Fernando, na entrada em Portugal de D. Henrique de Castela nesse mesmo ano. Recentemente chegado a Portugal, fora escolhido para comandar as tropas no ataque ao castelo torriense, dado o conhecimento que tinha da vila, uma vez que era casado com D. Aldonça Eanes, uma dama pertencente à elite local, filha de um alcaide de Lisboa e sobrinha de dois alvazis de Torres Vedras, com um grande número de propriedades na vila e no termo. Algum tempo depois, traía D. João I, tendo-lhe o monarca confiscado os bens que anteriormente lhe havia doado no termo torriense.

Segundo o cronista, os castelhanos ocupavam o castelo e a *vila*, isto é o bairro entre Santa Maria e a muralha, objecto de escavações arqueológicas entre 1984 e 1989, sob a direcção de Clementino Amaro.

Os portugueses encontravam-se sitiados no arrabalde, a sul do castelo, em direcção à *Várzea Grande*. Os seus chefes, porém,

instalaram-se em frente à entrada do castelo, no Paço mandado construir por D. Beatriz de Gusmão.

João Duque encontrava-se *bem acompanhado d'homees d'armas e peões e beesteiros, que pera deffemssom do logar eram assaz abastantes*. Quanto ao Mestre de Aviz, no momento da partida de Torres Vedras para Coimbra, e já depois de se lhe ter juntado Nuno Álvares Pereira e respectivas tropas, estava acompanhado por cerca de mil e oitocentos homens (150 lanças a cavalo e 450 a pé).

Começou-se pelo Cerco, levando à escassez de mantimentos e a água. Seguiram-se conversações para se obter a rendição, para que não houvesse mais derramamento de sangue. Depois, algumas escaramuças, envolvendo muito provavelmente os besteiros.

Naturalmente, a tomada do castelo sitiado exigiu, a exemplo de muitos cercos, típicos actos da guerra medieval, os engenhos de catapulta, assim como outros *artefícios de combater*, na sua maior parte feitos de madeira, uma vez que foram incendiados antes da partida.

Não faltou também o recurso à escavação de dois túneis, de modo a que o exército sitiante se introduzisse no interior das muralhas, embora daqui parece não ter resultado grande sucesso.

Também os espiões tinham um papel preponderante na guerra medieval. De facto, o alcaide de Torres Vedras João Duque tinha conhecimento das decisões tomadas pelo Mestre de Aviz, nomeadamente no andamento dos trabalhos de escavação dos túneis, através de mensagens enviadas nos virotões ou por sinais feitos, de fora, por alguns falsos sitiantes. Razão que parece explicar a ineficácia das diversas tentativas de assalto pelas forças portuguesas.

Os próprios traidores teriam combinado com João Duque assassinar o Mestre quando este estivesse sozinho. Todavia, descoberta a conjura, alguns culpados conseguiram fugir: D. Pedro de Castro e João Afonso de Beça, para Santarém; O conde D. Pedro

de Trastâmara, para o castelo. Garcia Gonçalvez de Valdez acabou, porém, por ser preso, torturado, confessando tudo, o que o levou, segundo o cronista, à fogueira.

Entretanto, chegava a notícia do castelo de Alenquer ter voltado a tomar voz por Castela. Deste modo, rodeado por forças hostis (Sintra, Alenquer, Óbidos e Santarém), o Mestre de Aviz teve de levantar o cerco, dois meses depois, e dirigir-se a Coimbra, onde as Cortes o esperavam. Então, os moradores do arrabalde, pressionados pela fome e pelo receio das represálias dos Castelhanos, juntaram-se com mulheres e crianças ao exército português, deixando para trás as suas casas. Um êxodo urbano, dramaticamente descrito por Fernão Lopes, que pode explicar, talvez, a perda de 18,2% da população da vila, entre os reinados de D. Fernando e os inícios do século XVI, segundo Ana Maria Rodrigues.

SAIBA MAIS: Rodrigues, Ana Maria S.A. – O Cerco de Torres Vedras em 1384-1385: uma releitura de Fernão Lopes. In *Espaços, Gente e Sociedade no Oeste: Estudos sobre Torres Vedras Medieval*. Cascais: Patrimonia Historica, 1996. p. 35-43.